UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00019537636
Annex
PQ9697
.C77
O74
1939

MARQUES-DA-CRUZ

Oração a Portugal

THE LIBRARY
THE UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

Edição do "CLUBE PORTUGUÊS" São Paulo-Brasil

IMPRESSORA : SÃO PAULO EDITORA LIMITADA - RUA BRIG. TOBIAS, 78 - 80

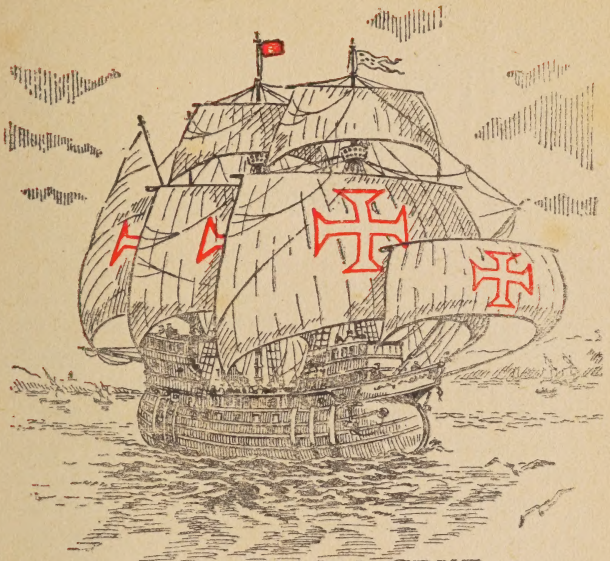
1286

CONTINUANDO na missão cívica, que há muito nos propusemos, damos hoje a lume a 2.ª edição de 12.000 exemplares da "Oração a Portugal", do nosso ilustre compatriota, o poeta Marques da Cruz, tendo tão sómente o escopo de espalhar, gratuitamente, por Portugal, colónias e Brasil, êste hino vibrante de amor á Pátria, que concorrerá, segundo cremos, para acrisolar ainda mais o culto dos nossos Maiores, dos que, pelo gesto galhardo dos seus feitos, souberam pôr o nome do nosso Portugal na mente, no coração e na boca de todos os povos de todo o mundo.

A Directoria do "Clube Português" (S. Paulo — Brasil)
1929

2.ª Edição — 16.º Milheiro

Ilustrações dos ilustres pintores Roque Gameiro, Alberto de Sousa, Wast Rodrigues e outros. A reprodução de algumas foi autorizada pelo seu proprietario, Snr. Paulo Guedes, de Lisboa



MARQUES-DA-CRUZ

Oração a Portugal

para que o Português, ao lê-la, sinta o desvanecimento de ser Português, e para que todos os seus descendentes espalhados pela América, África, Ásia, Oceania e Europa, se lembrem sempre de que em suas veias corre o sangue português e aprendam a amar Portugal.

OBRAS DO MESMO AUTOR;

EM VERSO:

LIS E LENA (versos, 1911).

AGUA DA FONTE (com um longo prefácio acêrca da Poesia através das idades; 1925, 1.ª edição, 3 milheiros).

NO PRELO:

REDONDILHAS
TERRA PORTUGUESA

EM PROSA:

SCIENCIA DAS FINANÇAS (1911, esgot.)

RESUMO DE LITERATURA GREGA, LATINA, PORTUGUESA, BRASILEIRA, etc. (1915, esgot.).

ORAÇÃO A PORTUGAL (discurso em prosa, 1922).

MEMÓRIAS DE FULGENCIO CLARO (novela de costumes paulistas assinada com o pseudónimo de Fulgêncio Claro, 1923).

VICIOS DE LINGUAGEM (1919, esgot.).

PORTUGUES PRÁTICO (1920; 6.ª edição, 1929, 18.º milheiro).

HISTÓRIA DA LITERATURA ORIENTAL, GREGA, LATINA, etc., e, sobretudo, da PORTUGUESA e da BRASILEIRA (1929, 3.ª edição, 12.º milheiro).

ANALYSE LÓGICA

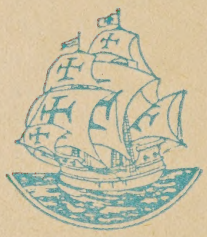
Esta Oração

foi primeiramente publicada em prosa (mas mais concisa), e logo recitada em 1922, na cidade de São Paulo (Brasil), no "Teatro Colombo", quando saudei em nome do povo paulistano vibrante de entusiasmo, os dois heróis Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Publiquei-a, depois, em verso, porque, de harmonia com os ensinamentos da "Psicologia experimental", o ritmo ajuda a memória, e talvez assim os Portugueses aprendam mais facilmente os feitos olímpicos, que são a glória da Raça Portuguesa.

Fi-la muito longe, em cidades cosmopolitas, onde a variedade de raças e, portanto, de idéas e costumes forma uma *colcha de retalhos*, unidos pelo interesse comercial, e onde a inteligência, lealdade, franqueza e honestidade dos Portugueses me fizeram sentir a exaltação altívola de ser Português.

Ao aparecer a 1.ª edição (1927), houve quem estranhasse que "neste livro tão patriótico", se exaltasse tambem o *regimen liberal* e se fizessem referências a certos factos políticos recentes. Deve-se, porém, observar que o fim deste livro é, apenas, mencionar, através dos tempos, as grandes atitudes da *alma portuguesa*, independentemente de quaisquer considerações políticas e religiosas.



Oração a Portugal

BERÇO róseo, onde minha santa Mãe me disse,
entre beijos de amor, a primeira meiguice;

escola em que aprendi, do mestre paternal,
a soletrar assim com gôsto: *Por tu gal;*

altar em flor, perante o qual a alma aquece
e voa para Deus no lindo avião da prece;

céu azul, onde errante andou, pelo sol-pôr,
a lânguida espiral do meu primeiro amor;

bandeira ao vento, em terra, ou num penol agudo,
mostrando aos povos, pela vida além, o escudo

das quinas mágicas que podem transformar
um peito português num vagalhão do mar;

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo (1) alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

garbosa *língua*, tendo, em rítmica união,
cantos de rouxinol, rajadas de tufão;

(1) Ainda hoje no Norte do Brasil, o português é chamado vulgarmente : *o marinheiro*.

língua rica e jovial, que inda hoje cicia
além na América e Ásia e África e Oceania,

porque, como um *Baptista,* o português trigueiro
foi baptizando o mar, o céu, o mundo inteiro (1);

Lusíadas, mar alto, em flor, mar português,
cheio de glória, aos gorgolhões, de lés a lés...;

poema da Raça (2) cujo garbo ao mundo lança,
poema, que altas nações não têm, nem mesmo a França;

---

(1) Encontram-se muitas palavras portuguesas no japonês, chinês e outras linguas do oriente, o que prova a profunda influência da nossa lingua nos povos longínquos, que habitavam junto ás *terras do Senhor Rei de Portugal* (como, outrora, as nações respeitosamente diziam, referindo-se ás possessões portuguesas).

Diz Eduardo Prado, escritor brasileiro (o maior amigo de Eça de Queirós), nas "Viagens na América, Oceania e Asia" : "Todos os criados a bordo falam inglês. Alguns dos termos, de que êles se servem a bordo, são portugueses, especialmente os termos náuticos, aprendidos há 3 séculos com os primeiros navegadores portugueses. Em Brisbane ouvi-lhes distintamente, quando içavam rápidamente um bote, o termo : Iça ! Iça !"

(2) Coelho Neto, prosador brasileiro, escreveu : "Portugal e Brasil são duas capas de um livro imenso, unidas pela carneira verde do Oceano, contendo em texto, o mesmo poema, que é a Biblia vernácula dos dois povos, e êsse poema que ocupa o centro do altar da Raça, não é outro — vós o sabeis — senão os *Lusiadas*".

Luis de Camões

ó *guitarra,* onde o coração estua e vibra
em ondas claras de prazer, e, fibra a fibra,

estala e chora e geme e expande, em suavidade,
meigos, suavíssimos soluços de saudade...;

Fado — a canção do mundo, que é mais meiga e doce,
que da alma arranca o português, como se fosse

um pelicano, aos ais, a arrancar, satisfeito,
pedacinhos de carne, em sangue, do seu peito.

mar de esplendor no rosto e falsidade ao centro
(porque tem prata em cima e raiva azul por dentro).

mar, mar dos vendavais, que Deus apenas fez
para experimentar o arrôjo português;

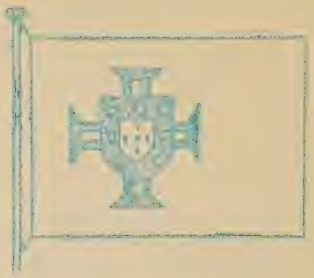
mar misterioso com afagos e marouços,
mas que eu entendo, porque eu vejo-os, porque eu ouço-os

na alma oceânica da Raça, que se apruma
entre sereias e crisântemos (1) de espuma!;

terra em botão, cujo perfume ao longe é tanto,
que, um dia, um português, do exílio vindo em pranto,

---

(1) A pronúncia certa é *crisânt*e*mo,* (do latim chrysânthemum), conforme a filologia.



ajoelhou, deu-te um bejo e caiu morto (1) ... ao pôr
na tua fronte, o sêlo, a arder, do seu amor;

saudade nossa, que és candeia sempre acesa
pelas mãos roxas da ternura portuguesa;

radiotelefonema esplêndido, bemdito,
que vai, num ai, da antena da alma ao Infinito...;

saudade nossa sempre triste mas galante
como um farrapo de uma capa de esudante;

---

(1) Conta-se que um português sentiu tantas e tais saudades da pátria amada que, ao chegar a Lisboa, se ajoelhou, beijou a terra e morreu de comoção.

saudade (1), *chave da alma,* aguda e original
pirilampo, que só existe em Portugal;

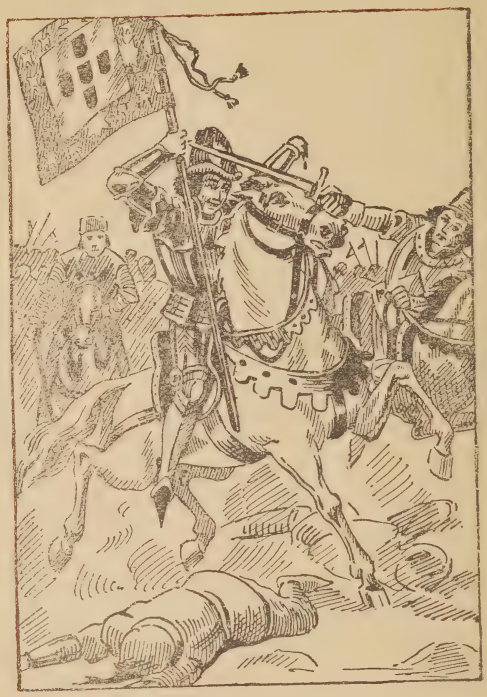
"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade,* riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

Sangue luso, que tens mescla do Celta e Ibero,
Fenício e Grego e audaz Cartaginês austero,

e, depois, do Romano e do Alano arriscado,
do Suevo e Árabe que arroja a vida ao fado;

---

(1) Palavra, cuja significação não se encontra nas outras linguas, a não ser talvez na russa (*toscá,* segundo alguns russos ilustres me asseveraram). Atribui-se a D. Duarte, o *"rei-saudade"*. As mais célebres definições são : "gôsto amargo dos infelizes" de Garrett ; "presença dos ausentes" do brasileiro Bilac ; "espinho cheirando a flor" do brasileiro Bastos Tigre.



O alferes Duarte de Almeida
na batalha de Toro

sangue que deu *audácia* e brio e *glória* e fez
o *castanho dormente* ao olhar português;

Diogo Botelho que, ansioso por contar
que havia um forte em Dio, veio pelo mar

da Índia a Portugal, num *barco* bem tecido,
que *tinha só vinte e dois palmos de comprido;*

ó *Fernão Mendes Pinto* aventureiro ardente,
que ziguezagueou pelo místico Oriente,

viu a China, o Japão, a Índia, naufragou
e arengou e vendeu e pirateou e andou

treze vezes cativo e dezassete posto
à venda, até que, inda febril, tostado o rosto,

voltou à *Santa Terra* (1) cheio de saudade,
para escrever um livro (2) e, alfim, fazer-se frade!;

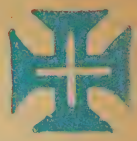
bemdito o *Almeida* (3) herói, que, levando a bandeira
na *batalha de Toro* esbelta e alviçareira,

---

(1) *Santa Terra e Santa Terrinha* — nomes dados pelos portugueses, que *trabalham tenazmente* no Brasil, a Portugal.

(2) "Peregrinações de Fernão Mendes Pinto". São tão extraordinárias as narrações dêste livro, que o povo culto dizia: *Fernão, mentes? minto.* Depois, viu-se que tudo era verdade.

(3) O Alferes Duarte de Almeida.



e vendo a sua *mão direita* decepada,
logo a ergue na *mão esquerda;* mas cortada

vendo também esta, na *boca* a leva, e então
lh'a tiram e êle *cai* e *rola* em turbilhão;

bemdito então *Gonçalo Pires,* que se adianta
e a agarra e a ergue ao céu, a Deus (porque ela é santa),

e a beija rúbida de sangue e triunfal
como se fosse o coração de Portugal!

Povo que não recua em sua idea forte,
pois *António Oliveira,* em Lisboa, alto o porte,

pelas balas legais tendo o peito varado,
pôs um dedo na chaga, e, na parede ao lado,

com o seu próprio sangue trémulo escreveu;
"Viva a República!" e, depois, com fé morreu,

levando a sua idea em rútila expressão
qual lava presa na cratera de um vulcão (1)!;

homem jovial, "namorador incorrigivel (2)"
pondo o *bravor* com a *ternura* ao mesmo nivel;

mulher de amor eterno, ó mulher portuguesa,
ânfora de piedade e graça e de beleza;

---

(1) Caldeireiro fusilado no Largo de S. Domingos. O leitor deve fixar êste facto, pondo a sua idea política de lado, porque êle prova apenas que um *português não tem medo de morrer.*

(2) Designação que deram a Camões. Também lhe chamavam *trinca-fortes,* devido á sua valentia.

soldado varonil, à chuva, à neve, à calma,
que és um anão no corpo e um Everest na alma,

que tens o espírito bizarro espadanando,
qual mosto rubro aos borbotões, de quando em quando,

que és árdego demais, que és valente — soldado
de quem Napoleão disse um dia (1) assombrado:

— *"com trinta mil lusos,* intrépido e ligeiro,
num turbilhão *conquistaria o mundo inteiro";*

Povo leal, que tens um físico defeito:
— nunca, *nunca te coube o coração no peito;*

estorces-te de dor, em desvairos frementes,
mas *não blasfemas como fazem outras gentes* (2);

---

(1) Foi na campanha da Rússia, ao ver os heroismos da "Leal Legião Lusitana".

(2) O povo português é profundamente religioso, mas raramente fanático. O mesmo sucede com o brasileiro, em que se vêm raros casos de misticismo, e em cuja literatura, ao mesmo tempo, não se encontram sequer vestígios da corrente literária, chamada *Satanismo*, que Baudelaire lançou.

povo que foste outrora *dono de metade*
da terra (1), e clamas, com fervor e com bondade,

que, inda hoje, tu és, no concêrto mundial,
uma grandíssima potência colonial (2);

bom colonizador como o Fenício e o Grego,
erguendo lares, tendo à nova terra apêgo,

e dando ao povo inculto, até que enfim o venças,
a tua língua e sangue e tuas leis e crenças (3);

---

(1) Pelo Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha, o mundo foi dividido em duas partes. A linha passava a 370 léguas a oeste dos Açores. Para o Oriente podiam fazer conquistas os portugueses; para o Ocidente os espanhóis.

(2) E' a terceira potência colonial do mundo.

(3) Há brasileiros, que, inpensadamente, afirmam que o Brasil teria progredido mais, se os holandeses, que dominaram no Norte de 1630 a 1654, tivessem continuado a colonização. E' um engano. E' sabido que os holandeses nunca foram colonizadores. Exceptuando Maurício de Nassau, que foi um grande talento colonizador, os holandeses só trataram de levar para a Holanda, nos galeões da "Companhia das Indias Ocidentais", a maior quantidade de riquezas possivel. Eduardo Prado, escritor paulista, que viajou pelo mundo todo, diz no seu livro: "Viagens na América, Oceania e A'sia": "Este grande império índico (holandês), ainda em mãos holandesas, um pouco pela desídia e negligência das grandes potências europeas, deve mudar de possuidor. A colonização é inpossivel em Java, em Sumatra e nas outras ilhas, emquanto dominar o espirito exclusivista e anti-progressista dos holandeses".

rico, rico demais fóra do continente,
possuindo muita terra e muito pouca gente (1),

para impedir que te espoliasse, com traições,
a garra adunca da cubiça das nações;

tão *pequeno* que o rei Carlos V nefando
ao Conde de Sortelha um dia perguntando

— *onde a lebre matais que se erga em Portugal?,*
assim ouviu esta resposta magistral:

— na *Índia,* meu Senhor, na Índia da abundância,
que além fica *a milhões de léguas de distância,*

tão pequenino que no mundo todo "*a História*
diz que de povo algum jamais reza a memória

---

(1) Tem 2.088.211 quilómetros quadrados, e 11 milhões de habitantes, não contando os milhões que há espalhados pelo Brasil, Califórnia, Hawai e outras terras do mundo.

que, com recursos tão pequenos, em seu canto,
fosse tão culto e forte e audaz, fizesse tanto (1)".

"*Leão-do-mar*", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade,* riso e pranto
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

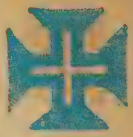
*

Minho gracioso, erguendo, em coles e rechãs,
robles e pâmpanos e cachos e romãs;

Douro, que ondulas em socalcos, prazenteiro,
com néctar cordial, que exalta o mundo inteiro;

---

(1) Conde de Afonso Celso, escritor brasileiro.



Trás-os-Montes além, a dar, entre cantigas,
palhetas de ouro e searas trémulas de espigas;

Beira-Alta, que tens nevadas lacrimais,
ovelhas tímidas e fulvos castanhais;

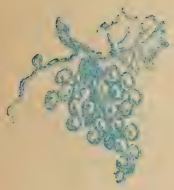
Beira-Baixa onde a Estrêla cândida se apruma
entre olivais e rendas flácidas de bruma;

Extremadura com lezírias, com pinheiros,
cachos de mel, pomos a abrir pelos canteiros;

Alentejo onde a seara enorme se arredonda
com ramalhetes de topásio em cada onda;

palreiro *Algarve* a levantar em cada leira,
figos tafúis em festivais de amendoeira;

Lisboa-"coisa boa", empório que se alteia
como grande e gentil capital europea;



Pôrto-"cidade invicta" e de comércio forte
sustendo artérias a vibrar do sul ao norte;

Coimbra-"coisa linda" e *mãe espiritual*
e, ao mesmo tempo, *coração de Portugal;*

terra talvez pequena, onde eu nasci, talvez,
mas *onde cabe toda a graça,* de uma vez;

Açores e Madeira e Príncipe e Guiné,
Angola, Moçambique e rica S. Tomé,

Cabo Verde, Timor e Damão, Goa e Dio,
Macau e franjas da Ásia e plagas do gentio,

onde, a cumprir seu fado, o português vai pôr
o seu trabalho, a sua crença, o seu amor,

bemditos sejais vós, onde há sangue leal,
que é muito bom, porque é do *nosso Portugal!*

Pindorama (1), *Brasil,* Ícaro vitorioso,
delfim galhardo, garimpeiro generoso,

(1) Nome dado pelos indígenas (tupis ou guaranis e tapúias) ao Brasil.

que na *Constituição* puseste, bem à vista,
que nunca, *nunca farás guerra de conquista* (1),

Brasil enorme, colossal (2), lindo e cortês,
feito de esfôrço e amor e sangue português (3)

---

(1) A *Constituição brasileira* (24 de Fev. de 1891) é a única, no mundo, com esta idea de pacifismo : o Brasil nunca fará guerra de conquista.

(2) Tem mais de 8 milhões e meio de quilómetros quadrados e 37 milhões de habitantes.

(3) O Brasil tornado independente com o grito do Ipiranga em 7 de Setembro de 1822, ás 4 horas e meia da tarde, que o principe português D. Pedro I soltou após a luta com ás côrtes de Lisboa, seguiu o gesto das colónias americanas, quando se acharam *fortes*. Atingiram a maioridade. As colónias *fracas* ainda se conservam ligadas á Europa : Groenlândia, Canadá, Honduras britânica, Guyana inglesa, holandesa e francesa. E' uma lei natural. Um dia, após uma larga difusão de sangue europeu pelas outras partes do mundo, as colónias de grande extensão e população hão de tornar-se independentes como fizeram os Estados-Unidos (sangue inglês), o Brasil (sangue português) e a Argentina com os 18 países de sangue espanhol (alguns dêstes países são pequenos como os da América central, mas uniram-se todos contra e Espanha ; e Cuba, Haiti e S. Domingos foram auxiliados pelos E. Unidos na guerra hispano-americana). Diz-se : a Inglaterra é hoje a mais forte potência do mundo, mas, um dia, tornadas independentes as suas colónias grandes, ficará reduzida ás ilhas britânicas e ás pequenas possessões, que não tiverem fôrça para se rebelar. Isto é verdade, creio ; além disso, tudo neste mundo, após o apogeu, entra na decadência. Mas o povo anglo-saxónico, povo forte físicamente, de inteligência lenta mas firme (a raça latina e a slava têm inteligência fúlgida, sobretudo a raça latina, que tem assombrado o mundo, mas não são disciplinadas, metódicas, obedientes, constantes, respeitadoras da lei e da religião de cada um, como são a raça saxónica e anglo-saxónica), povo que não pode viver sem um monarca, embora seja uma nulidade, porque êle é o símbolo do respeito, da família e da lei ; povo altaneiro, o único que escreve *eu* (1) com letra grande no meio de um período ; povo trabalhador, forte, frio, calado, obediente, constante, maquinal, com método para tudo até para se embriagar ao sábado, com *wisky* ; povo que lê pelo menos a Biblia, livro cheio de ensinamentos ; povo que é em geral honesto na vida comercial, solvendo seus compromissos, res-

beija-te a mesma onda, que nos vem beijar
e andam gaivotas com recados pelo ar;

Brasil latino, onde resplende, na verdade,
o mesmo coração com a mesma saudade (1),

---

peitando a propriedade dos outros, mas que comete injustiças flagrantes na avidez absorvente de potência colonial (exemplo : o Trasvaal, a ilha brasileira da Trindade e a questão do Nyassa em 1890) ; povo que, quando, em conversa, se fala de religião ou de nacionalidade, se cala com prudência imediatamente — implanta em todas as colónias, o regime colonizador de *autonomia condicional,* dando-lhes um *parlamento* como poder legislativo, e um *governador sempre inglês* como executivo, e lança empresas de caminhos de ferro, tracção eléctrica, etc., com regulamentos draconianos, cobrando taxas, que obedecem sempre ao câmbio inglês, e canalizando sempre todos os lucros para a Inglaterra. Este povo, portanto, ainda que um dia perca as suas colónias grandes, como os superintendentes e capitais de suas inúmeras empresas são sempre ingleses, terá, sempre, é claro, garantida, a sua vitalidade económica.

As outras potências colonizadoras como Portugal, França, etc., com seus modos de *colonização assimiladora,* deixando, por negligência e idealismo romântico de sangue latino, que os povos anglo-saxónicos lancem essas mesmas empresas nas suas próprias colónias, ficarão um dia, se as colónias se emanciparem, com as mãos vazias. Continuarão apenas a mandar para lá seus filhos como continuadores (pela afinidade da lingua, sangue e religião) do seu tradicionalismo, auferindo apenas o lucro do trabalho dêsses filhos, como sucede a Portugal, que recebe, em ouro, por ano, dos portugueses, que residem no Brasil, apenas, a quantia de vinte mil contos, segundo a última estatística. Apesar de ser, de facto, uma pequena quantia, mas grande, atentas as grandes necessidades de Portugal, foi isto que levou Oliveira Martins a dizer, vendo o que Portugal recebia sem o trabalho da administração : "O Brasil é a nossa melhor colónia, depois que deixou de ser nossa colónia".

(1) Há *três sangues* que os *três colonizadores europeus* disseminaram na América : *o inglês* (nos Estados-Unidos) ; *o português* (no Brasil) ; e *o espanhol* (na Argentina, México e em mais 17 repúblicas americanas). Pois bem. Alguns homens (ás vezes cultos) norte-americanos, brasileiros, argentinos, mexicanos, etc., ofendem nas relações da vida quotidiana, na imprensa

bemdito sejas tu, que falas com macieza,
a mesma língua, a nossa língua portuguesa!

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;

---

e em muitos livros escolares, respectivamente a Inglaterra, Portugal e a Espanha. Um observador, porém, da psycologia humana notará que a imigração nesses países é constituida, em geral, por campónios rudes, ignorantes, exercendo os misteres mais humildes (mas dos quais as famílias distintas de hoje norte-americanas, brasileiras, argentinas, mexicanas, etc., são oriundas), que servem de pábulo á zombaria das classes altas, como sucede na Inglaterra, Portugal, Espanha, e em todas as nações em cujos teatros o camponês é ridicularizado; que a história das colónias americanas apresenta lutas antigas, devidas a interesses materiais, entre o filho-do país e o europeu colonizador, ás vezes um terrivel aventureiro; que, a humanidade defeituosa está ainda muito longe do dia, em que haja só uma religião e uma nacionalidade, substituindo a fórmula de Hobbes *homo homini lupus* por esta: *homo homini frater*; mas notará também que, no fundo, devido *á voz do sangue*, o norte-americano é amigo do inglês, o brasileiro do português, o argentino, mexicano, e outros, do espanhol. Durante a *Grande Guerra*, ouviu-se perfeitamente a *voz do sangue*, quando os Estados-Unidos se puseram ao lado dos ingleses e os brasileiros ao lado dos portugueses, enfim todos ao lado dos *aliados;* e, quando, conservando-se a Espanha neutra, a Argentina, o México, e outras nações de origem espanhola acompanharam tambem essa neutralidade. Ouve-se tambem a *voz do sangue* neste caso curioso: — num grupo, um brasileiro conta uma anedota sôbre portugueses incultos. Se um estrangeiro do grupo quiser contar alguma semelhante, os brasileiros não gostam, porque os seus *sentimentos de familia* se revoltam. Os americanos têm, nas suas leis, o grande fito de *fazer a nacionalidade*, consignando, por exemplo, a Constituição brasileira que "todo estrangeiro casado com brasileira e que possua

marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

Terra de Viriato airoso e satisfeito,
na mão a funda, o chuço ao ombro, a fé ao peito,

---

imóveis, será brasileiro". São países novos, onde a tradição é pequena ainda, mas onde o patriotismo já é grande. Porisso creio que, num futuro remoto, constituídas fortemente as nacionalidades, os povos americanos proclamarão sempre *urbi et orbi*, num gesto lindo de bons filhos, o alto valor da colonização paternal inglesa, portuguesa e espanhola. Já Afrânio Peixoto, no Brasil, escreveu: "Não é facil suprimir o que nós temos de lusitanos"; e Ronald de Carvalho: "Apesar dos estrangeiros italianos, sírios, russos, e outros, que povoam o sul do Brasil, sente-se que a família luso-brasileira os absorve a todos"; e ainda o Conde Afonso Celso: "Dá mostras de injustiça e ingratidão o brasileiro que ataca ou deprime Portugal; honra aos desbravadores do nosso país!". Rocha Pombo escreveu: "O brasileiro tem as qualidades mais notaveis das três raças, de que é oriundo: a inteligência do português, a altivez do índio e a amorosidade do africano". Baptista Pereira: "Colonizados por Portugal, não devemos renegar a nossa ascendência. Desnaturado é o filho que renega o pai.

varrendo nas rechãs e serros e zimbrais
ciclópicas legiões de romanos brutais;

Pôrto e Cale, embrião *pequeno* e original
da *grande* e linda tradição de Portugal;

Das nações colonizadoras da Europa nenhuma criou uma nação tão grande, tão homogénea e tão culta como Portugal. O senhorio espanhol na América fragmentou-se em grande número de paises, mas com um contingente mínimo de sangue castelhano, na maior parte absorvido e dominado pelo elemento indígena. No Brasil, deu-se o contrário. O português predominou, absorvendo as outras raças. D'aí a nossa unidade etnica, que pequenas variantes não conseguem descaraterizar. A Inglaterra criou os Estados Unidos. Doou-lhe a lingua e a religião. Mas os Estados Unidos de hoje são um vasto mosaico etnológico, onde o sangue inglês puro faz os maiores esforços para não se deixar absorver. Um enorme contingente negro, que orça por quinze milhões, inassimilado, hostilizado, odiado, mostra a falta de qualidades assimiladoras do inglês. O português tem qualidades eugénicas de primeira ordem. Nos cruzamentos com outras raças a constante é a da sua predominância. No caldeamento afro-lusitano, a sua influência opera como a do sangue de boi na refinação do açucar preto: é o agente catalítico da brancura. Em resumo, a raça, de que o Brasil descende, nada inferior a nenhuma das outras, cujo fastigio momentâneo nos deslumbra, foi a que consolidou, no mundo moderno, o predominio branco. Nenhuma prestou serviços tão assinalados á actual civilização. Antropológicamente, é ella uma raça superior; nem há nenhuma mais nobre. A epopéa do primeiro desbravamento, isto é, da penetração litorânea, ainda não foi escrita. Quem dirá a rude subida de João Ramalho do lagamar da Bertioga, vingando sozinho, entre os indígenas, as cristas bravias do Sanzalá, para alcançar as planícies de Santo André ? Que energia não vestia de aço os músculos do Titan lusitano, que curvava ao respeito a indómita cerviz da tribu de Tibiriçá ? Genro do cacique indígena, pai do primeiro paulista, transmitiu ao filho a resistência ancestral e os rins infatigaveis, com que, mais tarde, êste iria penetrar os sertões e chegar ao Paraguay, espantando os seus colonizadores, que não compreendiam como *los mamalucos de San Pablo pudessem atravessar as selvas com tanta facilidade como êles as ruas de Madrid.* Ao espanhol inte-

condado pequenino e, depois, reino ao norte,
com *D. Afonso Henriques*, grande , bravo e forte,

que em bom signo nasceu em 1111,
dizendo em números erectos como o bronze,

---

ressava apenas o ouro. Não se radicava onde não o houvesse. O português, não. Ficava onde pusera o pé. Tão aventureiro como o castelhano, era, contudo, mais do que êle, colonizador e radicavel. Onde lhe nascesse um filho, aí ficava com meia dúzia de índios para o serviço e meia dúzia de animais domésticos para a criação. Se nos orgulhamos da ascendência latina, muito mais devemos fazer da de Portugal, que no-la trouxe directamente. Orgulho da sua virilidade, orgulho do seu denodo, orgulho do seu espírito de sacrificio, orgulho da sua generosidade, orgulho da sua cultura, orgulho da sua lingua. (d'O Brasil e a Raça).

Sôbre a língua portuguesa no Brasil, ha o grupo (quasi todos *futuristas*) dos que querem uma língua diferente da de Portugal: — o *brasileiro*. A língua é a mesma, mas o linguajar plebeu tem muitas construções sintácticas erradas, introduzidas aqui pelos pretos, o que se prova facilmente observando o que se passa em Angola e outras colónias portuguesas da Africa, onde ha as mesmas construções. A pronúncia da língua varía *muito* no Brasil, que se acha na zona tórrida até São Paulo, e de São Paulo para baixo na zona temperada do Sul. Ha, portanto, no Sul, mais ou menos a mesma pronúncia que em Portugal (tambem colocado em zona temperada); de São Paulo até ao Pará a pronúncia é mais lenta e lânguida, com as vogaes muito abertas ao norte (como *Pérnambuco, ménino*, etc.), e com tal doçura, que alguem disse que no "norte do Brasil se fala português com açucar". Contra as pretenções dos que querem dar sanção a esses dislates gramaticais em desharmonia com os ditames das línguas flexivas, direi que, já em 1897, quando se fundou a "Academia Brasileira de Letras" Joaquim Nabuco disse: "A raça portuguesa, como raça pura, tem maior resistência e guarda assim melhor o seu idioma. Para essa uniformidade de língua devemos tender. Devemos oppor um embaraço á deformação, que é mais rápida entre nós; devemos reconhecer que êles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renová-las, indo a êles". Rui Barbosa escreveu na "Réplica": Em meio a essas vestais do vernáculo, taes quaes o escalracho no meio das semen-

que altivos, verticais, garbosos e corteses
haviam de ser sempre os peitos portugueses;

e que, em seguida, como um másculo gigante,
expulsou, de tropel, a golpes de montante,

---

teiras, pululam como cogumelos os prosélitos e propagandistas do falso dialecto brasileiro — surrão amplo onde cabem, à larga, desde que o inventaram para sossêgo dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gôsto. Usado a buscar nas fontes antigas os veios preciosos de oiro fino que elas escondem ao modernismo pretencioso e ignaro, amo e uso tambem a linguagem de meu tempo, esforçando-me, entretanto, por lhe evitar os defeitos. Baptista Pereira, n"O Brasil e a Raça" diz: "Não pertencemos à escola dos que querem fazer uma língua nova : — o *brasileiro*. Não vemos a necessidade de renegarmos a língua dos nossos maiores. Por quê ? Para quê ? Não a estamos enriquecendo diariamente com vocábulos e construções novas ? Falemos o português enriquecido pelo Brasil, mas falemos o português. Não digo que não se aceitem todas as contribuições dialectais para o tesouro do idioma. Mas filtrando-as e depurando-as de suas fezes. Impôr o solecismo é querer impingir a bôrra pelo vinho. Castro Alves com a sua fauna e a sua flora, Gonçalves Dias com os seus indianismos, Euclides com o Nordeste, José Veríssimo com a Amazônia, Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato com os seus caipirismos, Múcio Teixeira com os gauchismos, uns mais, outros menos, deram fóros de cidade a vocábulos e locuções preciosíssimos, extraidos das fontes vivas do regionalismo e do génio da língua. Mas isso é dar e não tirar. A sintaxe de uma língua é o seu coração, e um coração que não se sujeita como o dos cães e cobaias, aos milagres de transposição cirúrgica dos irmãos Mayos. Ha pouco, discutia-se, num congresso sul-americano, a língua em que cada delagado devia falar. Quando um deles, aliás alto e nobre espírito, declarou que falaria no seu dialecto, já com fumaças de emancipação, o delegado da Venezuela, lugar onde talvez o castelhano se conservou mais puro, pediu a palavra : "Eu me contentarei de falar na língua de um cavalheiro que se chamou Cervantes". Bela lição para os que se julgam diminuidos por falar a língua de outro cavalheiro, que se chamou Luis Vaz de Camões." Muita gente há que se admira de que o Brasil não seja uma potência tão forte como os

de Ourique e Santarém e de Lisboa atenta,
as hordas da mourama impávida e violenta;

fiador de um rei perjuro, *Egas Monis* leal,
que te entregaste à morte, honraste Portugal,

indo ao rei de Leão, num túrbido alvorôço
com filhos e mulher de baraço ao pescoço;

Mem Ramires audaz, que subiste ao castelo
de Santarém, no quarto de alva, e de cutelo

e arnês e morrião, puseste nos adarves
o sangue aos gorgolhões de dezenas de alarves;

Estados Unidos. Deve, porém, notar que o Brasil, apesar de ter um solo riquíssimo, fica situado quási todo na *zona tórrida* (o Equador atravessa o Pará e o Amazonas, e o Trópico de Capricórnio passa em São Paulo). O Brasil foi sempre e é, em todo o mundo, o país mais adiantado nesta zona, onde nunca houve — diz a História — devido ao clima demasiadamente quente, grandes civilizações. E' porisso que os estrangeiros só emigram para o sul do Brasil, que é a parte mais temperada e mais adiantada, Comete, pois, uma injustiça o *Sulista brasileiro* que assevera que o *Nortista* não gosta de trabalhar, que é vadio. O calor lá é tão forte que, nalguns Estados, as repartições e as escolas fecham das 11 ás 2 da tarde. Indo para o Sul, o Nortista, que é muito inteligente e tenaz, triunfa com facilidade, observando-se, sobretudo, o seu predominio na vida intelectual brasileira. Porisso é que alguem disse: "São Paulo exporta café e o Norte exporta talento".

Gonçalo Mendes da Maia, alto cavaleiro,
"Lidador", que venceste Almoleimar campeiro,

e, centenário quase, em Beja, de roldão,
rolaste rábido em regougos de leão;

Giraldo, que subiste em Évora às ameias,
e, assolando casais e mouriscas aldeias,

em fúlgido clarão na História fôste pôr
férvidos rasgos de Giraldo-sem-Pavor;

Fuas Roupinho e *Paio Peres* e gentis
cavaleiros em flor *de Palmela* e *de Avis,*

e *D. Afonso-o-bravo* e todos vós guerreiros
da arraia-miuda e os azemeis e os garrocheiros,

bemditos sejais vós, que, em ímpeto tremendo,
expulsastes o mouro, aos baldões, escrevendo

com uma tinta, que os gigantes têm nas veias,
grandes e mágicas e rubras epopeias!

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

Povo, que és respeitoso e senhoril também,
dizendo a Afonso IV: — *"A nação, olhai bem,*

não se governa, andando à caça... olhai... se não..."
e, perguntando o rei em rubra indignação:

— *"se não o quê? se não o quê? vamos! dizei!"*,
— *se não...* (disseste) *elegeremos outro rei"*;

povo a correr, de altanaria, a D. Fernando
com mesteirais e Fernão Vasques reclamando:

—"*fazeis grão nojo a Deus, vivendo assim, Senhor,*
nesse desaire vil com a Dona Leonor!";

linda Inês, flor gentil, que Pedro trouxe ao peito,
com muita fé, com muita unção, com muito jeito,

e cuja graça, cuja esplêndida beleza
pôs um feitiço em toda a alma portuguesa;

Mestre-de-Avis eleito rei contra Castela,
de espada em punho erguendo a rígida tutela

e tendo em *João-das-Regras* provas à porfia,
que deu às côrtes a razão que lhe assistia;

grande *Álvaro Coutinho* — o bom e valoroso
Magriço, alcaide-mor de Lamego e Trancoso,

(Quixote no ideal, rude beirão na fôrça),
que foi cordeiro e foi chacal e leve corça,

rompendo solhas e camais em rija guerra,
ora sozinho, ora entre *os doze-de-Inglaterra;*

Vós *Condestável D. Nuno Álvares Pereira,*
de partasana e de alpartaz e de viseira,

fidalgo airoso, Galaaz de punho de aço,
peito de bronze, santo e herói a cada passo,

pondo, em *Aljubarrota,* além, com solidez,
glórias, que são rubis de sangue português;

Nuno temivel, que operou tanta façanha,
que, ainda hoje, as mães dizem assim na Espanha,

quando um menino é rabugento, é importuno:
— "cala-te que, se não, eu vou chamar D. Nuno" (1);

(1) Sucede isto junto á fronteira portuguesa.

Vós ó leões da grande *Ala-dos-Namorados,*
marchando heróicos, bravos, rijos, denodados,

como quem freme e brama e ruge e tudo arrasa,
como um tropel brutal, como um vulcão em brasa;

padeira rubra a rechassar *sete valentes,*
com rija pá, rubro rancor, rangendo os dentes (1);

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade,* riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

(1) Chamava-se D. Brites de Almeida. Matou no dia da batalha de Aljubarrota (14 de Ag. de 1385) 7 espanhóis com uma pá. A pá está guardada numa casa particular na vila de Aljubarrota.

Infante D. Henrique em Sagres estudando
a bússola e o astrolábio e a olhar de quando em quando

o *tenebroso mar,* onde a sereia existe
e onde anda o Português de audácia aguda em riste,

em galeões de velas pandas e redondas
por entre os turbilhões fantásticos das ondas;

O Infante D. Henrique em Sagres

Afonso V e João II (1) *e D. Manuel,*
que, em gestos lindos, atirastes, a granel,

com seus relâmpagos de fé e de cultura,
a bela, a portuguesa, a sôfrega bravura,

que era tão grande, tão fremente e natural,
que não cabia certamente em Portugal;

Gonçalves Zarco e Perestrelo e Vaz Teixeira,
Velho Cabral e Gil Eanes e trigueira

malta de *Diogo Cão,* o qual no Zaire ergueu
o nosso nome, e do feliz *Bartolomeu,*

que, como um Tírio férreo, forte, firme, fez
o fero *Cabo-das-Tormentas* português;

— um cabo, onde um gigante (o bruto Adamastor)
punha úivos de escarcéus, de cóleras e dor!;

---

(1) Cuja divisa era: *"Pola ley e pola grey"*.

Vasco da Gama

António Abreu dando a bandeira lusitana
como descobridor à *Terra australiana;*

Côrte Real e João Lourenço triunfantes
saudando a *Terra-Nova* e o *Canadá* distantes;

ó caravelas, onde o *Gama* alto e moreno,
entre cerúleos vagalhões e o brando aceno

das sereias cantando, e entre rijas verdascas
do vento assobiando em rábidas borrascas,

foi erguer, qual titan, as quinas portuguesas,
na *Índia* pródiga de Fé e de riquezas;

Partida para a India

— nauta idealista, cuja pena (a quilha de aço
da nau *S. Gabriel*) escreveu, passo a passo,

em mil e quatro centos e noventa e oito,
pelo Oceano afóra, em rasgo heróico e afoito,

os versos que *Camões,* um a um, tal e qual,
alinhou num poema esplêndido e imortal;

ó! bemdito *Cabral,* que, levando na mente
a Atlântida do além, *propositadamente* (1)

rumou Oceano em fóra, e pôde senhoril
beijar a terra moça e quente do *Brasil;*

bemdito Portugal com capitães garbosos,
que, vendo ao longe terra nova, — na abordagem,

---

(1) Muito se tem discutido sôbre se o Brasil foi descoberto *casualmente* ou *propositadamente*. Rocha Pombo na sua monumental "História do Brasil" prova á saciedade a segunda opinião, como outros historiadores o têm feito, o que dá a Cabral um valor mais brilhante.

se impunham logo com os nautas valorosos,
pela brandura (1) para o indígena selvagem;

bemdito seja o varonil conquistador
de Ceuta forte e Arzila e Tanger e Azamor,

bemdito Afonso v e *"reis de Portugal*
e dos Algarves e do Brasil,

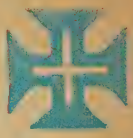
d'aquém e d'além-mar em África, senhores,
ainda, *da Guiné e da conquista,*

navegação e do comércio, e, ainda,
da Etitópia, Arábia, Pérsia e Índia";
e *Francisco de Almeida* em Quíloa (2) e inda em Mombaça
e grandes vice-reis, e *Afonso de Albuquerque*
rijo onde quer que houvesse luta ou ameaça,

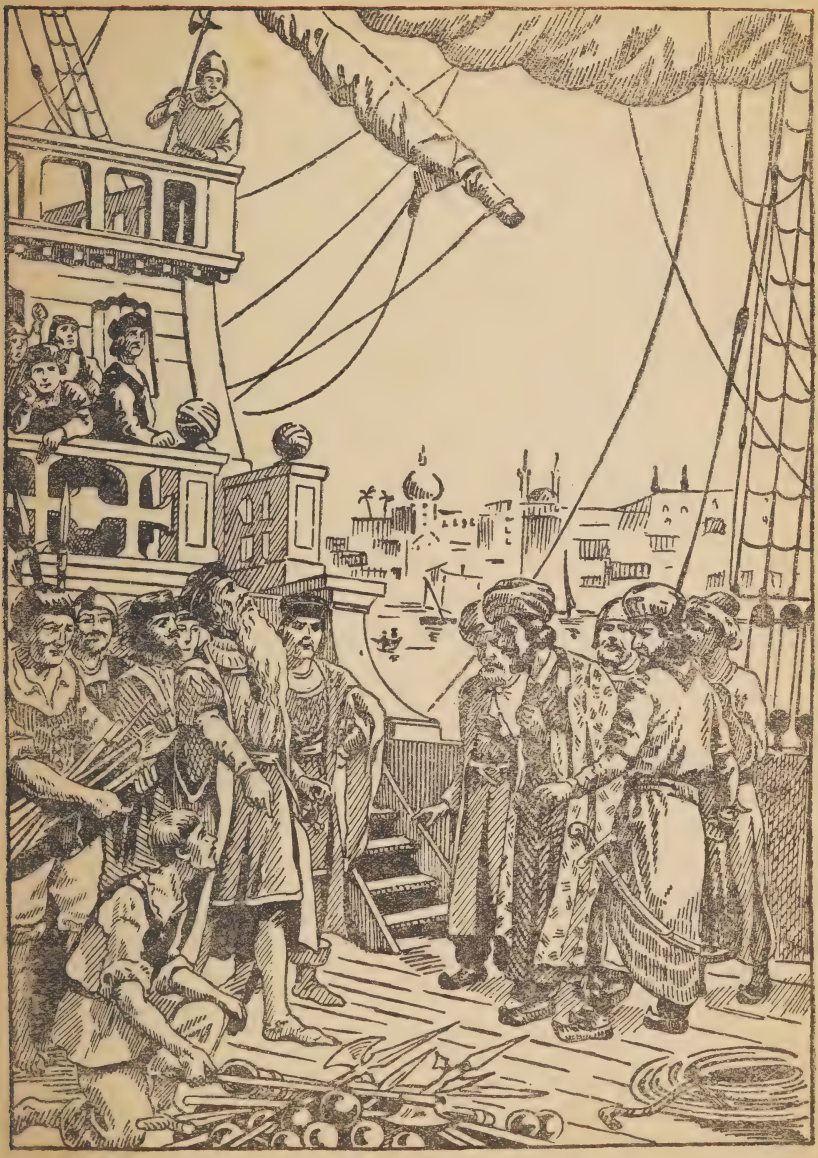
---

(1) O Português, entre cujas caraterísticas psíquicas aparecem a *impetuosidade e a ternura,* tratava sempre — assim o afirmam as crónicas antigas — os indígenas selvagens com o modo brando de um verdadeiro colonizador, e erguia logo na terra, aonde abordava, uma igreja, uma escola e um hospital ("Beneficência" é o nome que pôs, no Brasil, aos hospitais).

(2) A pronúncia certa é *Quíloa* e não *Quilôa,* como vulgarmente se diz. Se fosse Quilôa, o verso de Camões do canto V, no episódio do Adamastor: "a destruída *Quiloa* com Mombaça", estaria errado. Vide Cândido de Figueiredo, Gonçalves Viana e outros filólogos.



alma formada só de juba de leão,
um dos maiores capitães-de-guerra,
que, ante o *turco* brigão e o *xátria* que o ataca
num turbilhão que o aterra,
nas muralhas de Gôa, Ormuz e de Malaca,
fez tremer Hidalcão,
fez tremer a Ásia e fez tremer a terra;
e que aos embaixadores
do *muito alto Rei de Xiraz,* que exigia
tributos e favores sem razão,
mostrou, com galhardia, as lanças e os pelouros,
dizendo em repelão:
"Esta é a moeda com que el-Rei de Portugal
paga o tributo aos inimigos,
porque aos amigos
destina um fruto original,
um mágico tesouro, um galardão,
que é ouro, que é amor do coração";
bemdito Portugal
com *Francisco Xavier,* o "apóstolo do oriente",
que em fé ardente conseguiu ir ao Japão,
e *Nóbrega e Navarro e Aspilcueta*



Afonso de Albuquerque: **"Esta é a moeda..."**

e o "apóstolo-do-Novo Mundo" — o grande
Anchieta audaz,
que andou semeando a Fé, que tudo expande
em torrentes de paz;
bemdito Portugal,
que nos cercos de Dio, encontraste um *Silveira*
e *D. João de Mascarenhas* e *Duarte*
Pacheco e a maltesia enérgica, trigueira,
que sempre e em qualquer parte,
sabe morrer afim de dar-te
a glória feiticeira;

bemdito *D. João de Castro* venerando,
que, para recompor as muralhas de Dio,
cheio de brio e pundonor,
pediu a Gôa 20.000 pardáus, mandando
as barbas em penhor;
e bemdito *Fernão de Magalhães jocundo* (1)
dando, entre as ondas, a primeira volta ao mundo;
e o trigueiro *Tristão da Cunha,* chefiando
a mais rica, a mais bela embaixada, que o mundo
jamais viu, quando el-rei D. Manuel primeiro
deu ao papa Leão décimo um sobranceiro
cavalo pérsico e uma onça e um elefante
e um deslumbrante e senhoril pontifical
e, aos borbotões, *topásios, pérolas, brilhantes,*
ouro e rubis das possessões de Portugal;
e bemdito *Camões,* que, os "Lusíadas" compondo,
na mente e coração e na boca foi pondo
de toda a gente, em todo o mundo, de uma vez,
um nome eterno, — o nosso nome português;
bemdito *D. João III,* a cujo mando
se foi a terra do Brasil colonizando;

---

(1) Morreu na Ilha de *Zebu* (uma das Filipinas), tendo feito a parte mais difícil da viagem. O continuador foi o espanhol Sebastião del Cano.

Martim Afonso (1), mais o audaz *Coelho Pereira* (2),
Tomé de Sousa (3) e *Mem de Sá* (4) e a aventureira
grei lusitana, propagando sempre bem
o sangue português pelo Brasil além;
tempos de glória em que *Lisboa* era o mais forte
pôrto do mundo, e a leste e a oeste e ao sul e ao norte,
o pavilhão das quinas mágico dizia
às estrelas e ao sol e a Deus, com galhardia,
e à terra e à planta e ao rio claro e ao vento insano
e à fera bruta e à ave altívola e ao Oceano

---

(1) Martim Afonso de Sousa fundou em 1532 o 1.º núcleo colonial do Brasil, em *S. Vicente*, e, a 9 léguas para o interior, *Piratininga* (hoje S. Paulo).

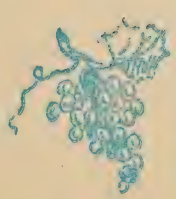
(2) Duarte Coelho Pereira foi o donatário da capitania de Pernambuco (1534), a que mais prosperou, devido ao seu espírito de bom administrador e ao facto de casar portugueses com índias, o que evitou o ataque dos indígenas.

(3) Tomé de Sousa foi o 1.º governador geral do Brasil, fundando a cidade de S. Salvador ou Baía em 1549.

(4) Foi o 3.º governador do Brasil. Seu sobrinho Estácio de Sá fundou o Rio de Janeiro em 1566.

(azul como a amargura, inquieto como a vida,
branco como o Ideal) — um nome, de vencida,
um nome de aventura, um nome festival:
— *Portugal! Portugal! Portugal! Portugal!*

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!



Rei-Encoberto na refrega a pelejar
e, túrbido, a dizer: —*"morrer, mas devagar!"*,

dia em que algum bisonho trémulo exclamou
a Sebastião de Sá: —*"volta!"*, e êste retrucou

numa titânica bravura de encantar:
—*"o meu cavallo, olá!, nunca soube voltar!"*;

Febus Munis, que protestou em Almeirim
frenético de amor, contra a facção ruim,

que quis que a Espanha governasse um povo ufano
que desafiou tufões em cima do Oceano;

mil e seis centos e quarenta! Portugal!
Restauração! Nobreza olímpica e leal!

João Pinto Ribeiro a dizer palpitante:
"tira-se um rei e põe-se um outro num instante!"

Filipa de Vilhena afivelando a espada
aos filhos, — e a dizer indómita e afogueada

a esposa ao Duque de Bragança, em gesto lindo:
"val' mais viver reinando que acabar servindo";

D. Carlos de Noronha avisando a *Duquesa*
de Mântua (1); — *"saia já, já, se não, com certeza*

---

(1) Regente de Portugal, em nome do rei da Espanha.

vão faltar-lhe ao respeito..." E ela encolerizada:
—"*A mim?! e como?*" Ao que D. Carlos logo brada:

—"*obrigando-a a sair já,* se não se acautela,
não pela porta ali, mas por esta janela"

e *D. Miguel de Almeida* ancião, com gravidade,
de barba branca, soluçando: "*Liberdade!*

Viva el-rei D. João quarto! Real! Real!
Real! Real! Sus! Pelo Rei de Portugal!";

depois Montijo, linhas d'Elvas, de vencida,
Ameixial e Montes Claros, em que erguida

a Pátria pôde vertical a fronte pôr,
devido ao garbo português de *Vila-Flôr,*

e em que se achou, gentil, completamente salva,
pelo montante dos Marquês de Marialva;

Coche de D. João V

Matias de Albuquerque e Fernandes Vieira expulsando o holandês da terra brasileira! (1)

---

(1) Os Holandeses invadiram a Baía em 1624 e Pernambuco em 1630. Ocuparam 4 capitanias ao N., de 1630 a 1654. Foram expulsos após as batalhas de Tabocas, Guararapes e Forte das 5 Pontas, dando-se logo a Capitulação de Campina de Taborda. Os benefícios de sua colonização, foram devidos ao espírito extraordinário de um grande colonizador: Maurício de Nassau — o único holandês, verdadeiramente amigo do Brasil. Os outros auferiram apenas os interesses, que prescrevia sempre a "Companhia das Indias Ocidentais".

D. João quinto airoso, esplêndido e galante,
que teve a *côrte mais faustosa*, mais brilhante,

que o mundo viu, esbanjando o ouro substancial,
que talvez novamente erguesse Portugal;

O Marquês de Pombal projecta reconstruir Lisboa

Lusa frota ajudando altiva a grei cristã,
que senhoril *venceu o Turco em Matapan;*

Pombal, grande estadista indómito, subtil,
que acendeu logo em Portugal e no Brasil

lâmpadas fortes de instrução e, em toda a parte,
jorrou o *comércio,* ergueu a *indústria,* alteou a *arte;*

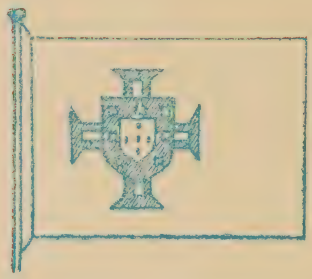
que *reconstruiu Lisboa* másculo de fé,
dizendo, após o terremoto, a D. José,

que perguntou — *"E agora?!"* em gestos aflitivos:
— *"Enterram-se os mortos e cuida-se dos vivos!"* (1)

e que, ante a ameaça do espanhol embaixador,
que lhe afirmou — *60.000 homens, Senhor,*

---

(1) Esta frase é atribuida tambem a um outro personagem histórico.



entrarão logo em Portugal...", disse fremente:
— 60.000 homens, assim, é muita gente

para uma casa tão pequena, mas meu rei
há de encontrar onde hospedá-la, porque sei

que Aljubarrota era menor e, sem enganos,
couberam lá, muito à vontade, os castelhanos;

Vossa Excelência reconhece, no entretanto,
que cada um em sua casa pode tanto

que, inda mesmo depois de morto, devagar
são necessários quatro homens p'ra o tirar";

Gomes Freire de Andrade, alma forte, serrana,
que à Rússia (1) foi mostrar a *"Legião lusitana",*

(leôa, que assombrou o mundo em valentia,
de peito hirsuto à bala, à neve, à ventania);

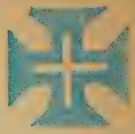
Junot, Junot brutal! as *invações francesas!*
e nos algares, montes, cómoros, devezas,

em rápida guerilha o português fragueiro
derrubando o francês em *Roliça* e em *Vimeiro;*

Soult em fuga... *Massena* olímpico de glória,
tido por Napoleão como *"o anjo-da-vitória",*

---

(1) Foi aqui que Napoleão disse a célebre frase: "com 30.000 portugueses conquistaria o mundo inteiro". Napoleão pôs ao peito de 62 heróis da "Legião Lusitana", nas Tulherias, a Cruz da Legião de Honra, e disse um dia ao Conde da Ega: "— Senhor Conde, não há melhores soldados que os portugueses".



rolando relho, rúivo, rábido, rasante,
em rudes carcavões pelo *Bussaco* adiante...

vendo que o Português é rijo como as pedras
além nas *Linhas* verticais *de Torres Vedras,*

e que a *estrêla* gentil do Imperador francês
tremeu, em Portugal, pela primeira vez!

D. João sexto pondo o Rio de Janeiro
esbelto e grande com *Imprensa* e o feiticeiro

Jardim Botânico e um *Archivo* e *Tribunais*
e a *indústria livre* e *Academias* (1) principais,

de modo que o Brasil ficou uma potência
garbosa e máscula, a esperar a *independência,*

---

(1) Entre elas, destaca-se a primeira *Escola de Medicina.* As primeiras Academias de Direito foram fundadas por D. Pedro I em 11 de Agôsto de 1827 (uma em S. Paulo e outra em Recife). O Brasil foi elevado a reino em 1815.

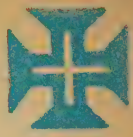
que fez *D. Pedro* (1) (um português de altivo porte)
gritando no Ipiranga: *"Independência ou morte!"*

mas outro português no *Piauhy,* ao norte,
com *oito centos homens só,* lançado à sorte,

(o bravo *João José da Cunha Fidié*)
defende Portugal, *por dois anos,* com fé,

---

(1) D. Pedro I, filho de D. João VI, o "rapazinho" como as Côrtes de Lisboa lhe chamavam, proclamou a independência do Brasil junto ao arroio do Ipiranga (junto a S. Paulo) em 7 de Setembro de 1822, ás 4 e meia da tarde, e governou até 7 de Abril de 1831, quando abdicou em seu filho D. Pedro de Alcantara (depois D. Pedro II), que tinha 5 anos e para quem nomeou como tutor o sábio e estadista José Bonifácio de Andrada e Silva. D. Pedro veio para Portugal para lutar contra seu irmão D. Miguel. Governou em Portugal com o nome de D. Pedro IV.



arma emboscadas, corre, arrasa em alarido,
e só exausto, só à sêde, cai vencido (1);

"*Leão-do-mar,* Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade,* riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

Revolução de mil e oito centos e vinte!
Grande Assemblea Nacional Constituinte!

Liberalismo! Fernandes Tomás, Ferreira
Borges! *Constituïção* e, mais tarde, a certeira

---

(2) A *guerra da Independência* do Brasil terminou logo em 1823 com a rendição na Baía do general português Madeira. Conto, porém, êste facto de Fidié, porque êle foi tão valente que ainda hoje a sua fama corre no norte do Brasil.

Carta, que Pedro IV deu a Portugal
com a gentil *soberania nacional!*

depois, a guerra contra D. Miguel, febril,
que quis ser rei, mas Pedro, vindo do Brasil,

defende o trono à filha (1) e vence-o na *Terceira,*
e no *Mindelo* e *Pôrto* e *Almoster* e *Asseiceira,*

e recomenda bem que, enfim, depois de morto,
dêem seu coração à cidade do Pôrto;

tempo em que se ilustrou o Duque da Terceira
e o de Palmela e o grão Marquês Sá da Bandeira

e o Duque de Saldanha, até que festival
venceu o fúlgido *regimen liberal!* (2)

---

(1) D. Maria II. D. Pedro I, sendo imperador do Brasil, abdicou os seus direitos á corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Glória (D. Maria II).

(2) Pela Convenção de E'vora Monte em 1834.

virago rude, rubicunda, de alta fronte,
a correr, a bramar, ó *Maria-da-Fonte,*

que ergueste o Minho todo, e só à machadada
e a tiros de arcabuz e à foiçada e à chuçada,

venceste generais, com óptimo critério,
fazendo até cair, sem fôrça, um ministério (1)

A peste! e *Pedro quinto* em hospitais entrando
com mãos pródigas de ouro e de carinho brando;

África! *Serpa Pinto* em grande exploração;
depois *Brito Capelo* e *Ivens* com o pendão

da nossa terra (afim de que a gente se ufane)
vão *de Mossâmedes* além *a Quelimane;*

---

(1) Foi o ministério de Costa Cabral. A revolução foi devida á *Lei-da-Saude* (decreto de 18 de Set. de 1844), que instituiu os cemitérios paroquiais, proibindo que se enterrase gente nas igrejas.

Mousinho de Albuqueque! um português sem jaça,
impetuoso e terno aos borbotões, que passa

à Africa adusta (onde só tem intrepidez
e resistência o bom soldado português),

e com *50 homens* rasga matagais,
vê *Chaimite,* onde há *3.000 pretos* canibais,

e salta e espia e espuma e ruge e desengana
e prende um régulo brutal— *o Gungunhana!*

"31 de Janeiro!" (1) — uma revolução
que é logo sufocada; e, após, em turbilhão,

5 de Outubro! mil novecentos e dez!
almas em vagalhões de ardor, de lés a lés,

na *Rotunda,* em tropel, com Machado dos Santos,
levantando-se, enfim, entre vivas e cantos

---

(1) Por causa do *ultimatum* da Inglaterra em 11 de Janeiro de 1890, tirando-nos as regiões de Chire e Nyassa.

e fanfarras, clarins e o canhão marcial,
a República em flor no nosso Portugal!

A *Grande Guerra!* e o Português (1) corre a juntar-se
aos *aliados,* atirando sem disfarce,

sem ambições, *serrano* e leve como a corça,
"a *Fôrça-do-Direito ao Direito-da-Fôrça*";

quando um tigre de olhar finíssimo, *o Milhões,*
varre centenas de alemães aos trambolhões,

com a metralhadora e a intrepidez e o brio,
detendo pelotões muitas horas a fio;

e o *Manuel Grande* diz raivoso ao seu tenente: (2)
"a guerra assim não serve ao português valente!"

---

(1) Sob o comando de Gomes da Costa.

(2) O tenente Pina de Morais, autor do livro "Ao parapeito", onde êste dito vem narrado. O soldado Manuel Grande sentia talvez a *voz-do-sangue* dos seus maiores em Aljubarrota e outras batalhas, em que os homens só eram *bons guerreiros* quando eram *valentes,* porque hoje só o são pela *astúcia* e até ás vezes pela *fuga estratégica.*

quando *um anónimo* esbraveja entre a fumaça,
disparando um canhão, aos corcovos, e traça,

com sangue a arder, tanta trincheira em aflição,
que um inimigo vem e o vê sem munição,

o olhar em fogo, a boca alvar, o grito rouco,
a morder a culatra, inteiramente louco!... (1)

---

(1) Caso citado nos relatórios alemães. No monumento da Batalha, está hoje, á maneira do que fez a França pondo-o sob o Arco do Triumfo, o túmulo do *"soldado desconhecido"*. Está na *Sala-do-capitulo* com um lindo lampadário em que se lê : "Portugal eterno nos mares, nos continentes e nas raças, ao seu soldado-desconhecido morto pela Pátria.

Remígios do condor! Asas de Portugal!
Gago Coutinho mais *Sacadura Cabral,*

(um com *sciência,* que dá glória, em *seu sextante,*
e o outro com a fôrça e a *audácia* embriagante)

fazem, num curto avião, por sôbre o mar profundo,
o vôo mais ousado que houve em todo o mundo,

só porque o velho Portugal, de barba branca,
cheio de amor e de ternura, um dia, arranca

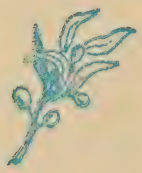
o arnês, põe asas, vôa e anseia e vai, gentil,
beijar um filho que faz anos (1) — o Brasil!

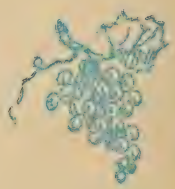
Remigios de condor! Beires e Brito Pais,
voando até Macau com asas triunfais!

---

(1) Foi em 1922, por ocasião das festas do Centenário da independência do Brasil.

"Leão-do-mar", Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!





Luis de Camões

Literatura portuguesa linda e rica
com *D. Dinis,* o trovador, que dulcifica

a vida em versos provençais, ingenuamente...
—*Camões, o príncipe dos poetas,* de alta mente,

que toda a nossa linda glória e ardor descerra
numa das grandes epopéas que há na terra;

"nosso Plauto", o genial, o arguto *Gil Vicente,*
pondo na scena de tal modo a *antiga gente,*

que estudou nossa língua um estrangeiro — Erasmo —
só para ver a sua graça, o seu sarcasmo;

o *ingénuo Bernardim,* mais o *subtil Vieira*
"cujo estilo é donzela enfeitada e faceira";

Bernardes simples, "cujo estilo bem imita
a camponesa sem enfeite mas bonita";

Bocage, másculo vulcão abrasador
de sátira e ternura, e, por certo, o *maior*

repentista do mundo, esbanjando talento
como um rajá a arremessar milhões ao vento...;

Carrett airoso, e o *brônzeo e plácido Herculano,*
e o *purista Castilho,* e em gesto franciscano,

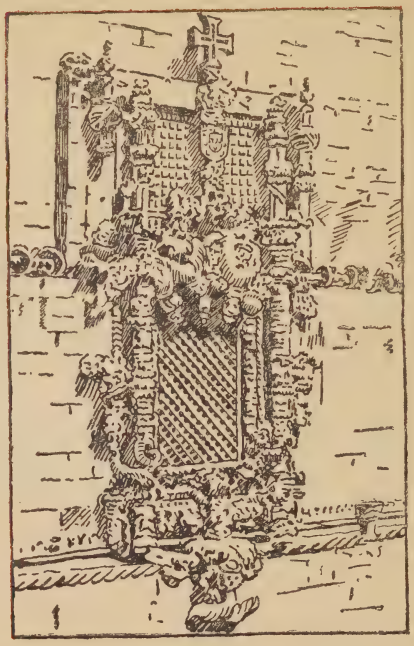
simples e claro, *João de Deus,* que nos desfia
pétalas suaves em arroios de harmonia...;

O Convento de Mafra

o poeta-pensador Quental; Gomes Leal,
mordaz; António Nobre, o meigo; e, *sem rival,*

no mundo, (1) o rútilo *Junqueiro,* um furacão,
um *Génio* em graça, forma, ideal e comoção!

(1) Defendi esta idéa no prefácio do meu livro *"Agua da Fonte"*. A modéstia e timidez dos portugueses (que, por Portugal ser pequeno, pensam que tudo nêle é pequeno), nunca fizeram, segundo penso, avultar, com justiça, esta verdade.



Janela do Convento de Tomar

E os romancistas! Um *Dinis* com agudeza
pintando a vida campesina portuguesa:

Camilo genial a erguer, com um tição,
almas de astúcia e amor e raiva em turbilhão;

Eça de *estilo muito claro e musical,*
e scepticismo amargamente universal,

numa *ironia* que , no mundo, com certeza,
nunca se viu senão na língua portuguesa;

Ramalho ramalhal, mais o Fiaho contista
com lantejoulas, fogaréus de *colorista;*

Os Jeronimos

O Castelo de Sintra

José Estêvam — o orador que se arrebata
em gesto túrbido e em cachões de catarata...

e ainda outros de igual valor (1), — que Portugal
é pequeno em tamanho e grande no Ideal!

Santos também. *Santa Isabel* com mãos piedosas
mudava o pão do seu regaço em lindas rosas;

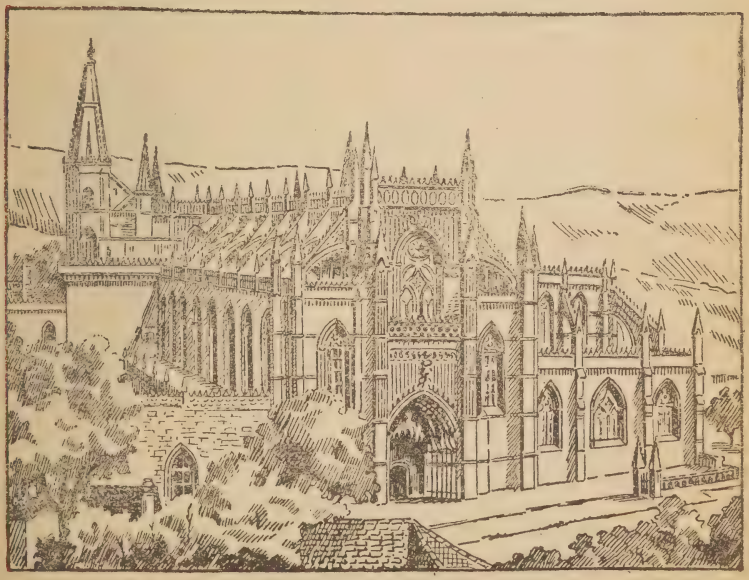
---

(1) Como Sá de Miranda, António Ferreira, Diogo Bernardes, Damião de Goes, João de Barros, Diogo do Couto, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Frei Luís de Sousa, Soares de Passos, Mendes Leal, Bulhão Pato, Tomás Ribeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Alves Mendes, Gonçalves Viana, e outros.

venceu o demo *S. Frei Gil de Santarém;*
e *D. Fernando, o infante santo,* mostrou bem

que a mais diabólica tortura é sempre vã
no dulçor da renúncia humílima cristã...;

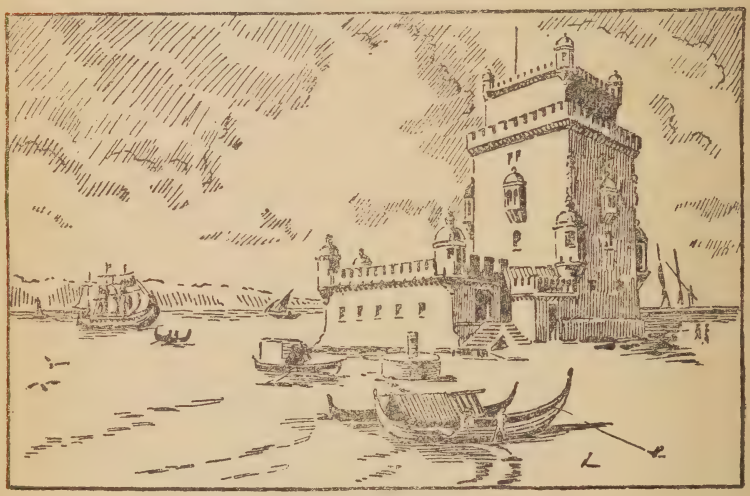
e *Santo António de Lisboa milagroso,*
sábio e orador; e, divertido, mas virtuoso,



A Batalha

com fim de as demorar, (dizem lendas antigas)
trocava os cântaros na fonte às raparigas;

literato também de grande fama, visto
ser, para alguns, o autor da "Imitação de Cristo" (1);



A Torre de Belém

(1) Esta obra celebérrima em todo o mundo, apontada até por Augusto Conte para a leitura quotidiana dos homens, tem sido atribuida a muitos espíritos ilustres entre os quais Tomás Kempis, Santo António, etc. Santo António de Lisboa (de Pádua, dizem os italianos, porque também lá viveu e morreu) tinha o *dom da ubiquidade* ou *bilocação* (que a Psicologia experimental aponta nos fenómenos duvidosos do *metapsiquismo*), pois, dizem, discursava em Pádua e em Lisboa ao mesmo tempo.

O Bussaco

Nuno de Santa Maria (1) alto português
em doce santidade e em rija intrepidez;

e ainda outros de igual valor (2), — que Portugal
é pequeno em tamanho e grande no Ideal!

---

(1) Frei Nuno de Santa Maria, nome que D. Nuno Alvares Pereira tomou no convento, no fim da vida.

(2) Como Santa Joana amorosa, filha de AfonsoV, beatificada por Inocêncio XII, em 1693 ; as freiras cheias de virtudes, isto é, as Santas Infantas D. Mafalda, D. Sancha e D. Teresa irmãs do rei Afonso II. Houve dois papas portugueses: João XXI (Pedro Julião, de Lisboa), e S. Damaso (de Guimarães).

O Castelo de Almourol

E a *arquitectura!* altos castelos de disputa
com bastiões em cravação de rocha bruta!

Convento de Alcobaça em *gótico primevo;*
e o *Monumento da Batalha* com enlêvo,

em lindo *gótico florido,* d'onde brota
a galhardia pertinaz de Aljubarrota;

onde há a *sala-do-capitulo,* uma sala
que um grande arrôjo arquitectónico assinala;

onde *Domingues,* arquitecto português,
mostrou, ceguinho, muita sciência e intrepidez.

E a *Torre de Belém! Jerónimos! Tomar!*
com gestos grandes, emprestados pelo mar,

com coruchéus, com rendilhado muito fino,
mostrando ao mundo o nosso *estilo manuelino!*

— estilo que retrata a náutica de outrora,
original, apenas nosso, que afervora

a nossa terra, a nossa gente, em possuí-lo
(porque há nações que não possuem um estilo!)

Mafra que é colossal (1)! Basílica da Estrêla!
tudo grande paixão artística revela!

E tantos *músicos,* que temos, e *escultores,*
e *scientistas* e *arquitectos* e *pintores,*

porque tu és, ó meu querido Portugal,
pequeno no tamanho e grande no Ideal! (2)

---

(1) Monumento grandioso, devido á prodigalidade de D. João V. O seu estilo é *baroco* segundo alguns, ou *neo-clássico* segundo opinião melhor.

(2) Apresento aqui uma breve resenha das nossas obras de arte e dos maiores expoentes na pintura, escultura, etc.:

ARQUITECTURA: *templo de Diana*, em E'vora, em estilo romano, com colunas coríntias caneladas, de granito, e capiteis de mármore. *Castelos* de Sintra, Almourol, O'bidos, Leiria, Trancoso, Montemor, Chaves, Santarém, etc., etc. *Convento de Alcobaça*, em gótico florido, onde avulta a *sala-do-capitulo*, construida por Afonso Domingues, arquitecto cego, de grande valor. O irlandês David Ouguet fê-la, mas caiu. Afonso Domingues, porém, levantou-a de novo já cégo, e (diz a tradição) ficou 3 dias em

Meu Portugal do coração, que és tão bonito,
com beijos do oceano e clarões do Infinito,

que és *o melhor* país do mundo certamente,
só porque és nosso e em ti se luta, canta e sente...;

---

jejum, sob a abóbada, findos os quais foi encontrado morto de fraqueza. *Torre de Belem, Jerónimos, Convento de Tomar, Santa Cruz de Coimbra, Bussaco,* em estilo manuelino. Sôbre o *Hotel do Bussaco* escreveu Carl Roberton, jornalista norte-americano, em 1927: "Um imenso átrio de residência rial, uma sala de jantar igualmente bela com obras de talha e frescos dignos do Louvre ou Versailles. Uma maravilha! Haverá algures hotel melhor, mas nunca o vi, nem dêle ouvi falar. Escrevendo sôbre o Bussaco, espargi superlativos insuficientes apesar de tudo. No estilo manuelino do século XVI é imponente como uma catedral" *Sé do Porto, Sé Velha de Coimbra, Sé de Braga, Sé de E'vora* em estilo românico. *Santa Clara a Velha* em estilo românico-gótico. *Panteon de São Marcos,* (junto a Coimbra), em renascença pura. *Igreja da Graça* em Evora e *Igreja da Senhora da Conceição em Tomar,* em renascença clássica. *Sé Nova* e *Santa Clara* (em Coimbra), em estilo jesuitico. *Convento de Mafra* e *Basilica da Estrêla,* em estilo neo-clássico.

ARQUITECTOS: *Afonso Domingues* (Batalha); *os Arrudas* (Torre de Belém); os *Castilhos* (Jerónimos e Tomar); *Marcos Pires* (capela da Universidade e Claustro do Silêncio de Santa Cruz); *Ruão* pai e filho (Sé Velha e outras obras de Coimbra); *Baltasar Alvares* (Santo Antão de Lisboa; fez o risco para S. Bento de Coimbra e para o Convento de S. Bento de Lisboa); *Pedro Nunes Tinoco* (arquitecto de S. Vicente desde a morte de Baltasar Alvares); *João Antunes* arquitecto de D. Pedro II (dirigiu a construção de Santa Engrácia de Lisboa); *Mateus de Couto* (arquitecto do convento das Francesinhas de Lisboa); *Manuel da Maia* (engenheiro-mor no tempo de D. José, encarregado em 1756 da planta de Lisboa); *Eugénio dos Santos* (fez o Arsénal, Praça do Comércio, etc); *Mateus Vicente* (trabalhou em Queluz, fez Santo António da Sé e a Basílica da Estrêla); *Costa e Silva* (fez o teatro de S. Carlos, o palácio de Runa e o plano do Palácio da Ajuda); *Reinaldo Manuel* (fez os pedestais da estátua equestre, a Igreja dos Mártires, e acabou a Basílica da Estrêla); *José Luis Monteiro* (decano dos arquitectos. E' o actual Director da E. de Belas Artes).

pequeno, porque *"Deus te fez com a intenção de caberes inteiro em nosso coração",* (1)

pequeno, porque Deus em seu saber profundo
quis ajuntar em ti o pouco amor do mundo;

(depois... *pequeno ou grande*... tudo se intimida
na alta balança da Incerteza desta vida...)

---

(1) Pina de Morais no seu livro "Ao Parapeito" conta que um capitão português, dando uma aula de geografia numa aldeia francesa, para ensinar o que era Portugal, apresentou esta frase graciosamente poética, que, *data venia,* aqui transcrevo.

PINTORES: *Nuno Gonçalves* (o pintor da "ínclita geração" (*Grão*; *Vasco* (o genial pintor de Vizeu e Lamego); *António de Holanda* (o maior iluminador); *Gregório Lopes* (pintor na côrte de D. Manuel); *Cristovam Lopes* (pintor do retrato de D. João III); *Fernão Gomes* (pintor do retrato de Camões); *Sanches Coelho* (que a Espanha nos disputa); *Josefa de O'bidos* (autora de muitos quadros); *Vieira lusitano* (poeta e pintor); *Sequeira* (pintor dos contrastes, grande desenhador); *Anunciação, Silva Porto, Malhoa,* o grande *Columbano, Carlos Reis, João Reis, Roque Gameiro* (aguarelista); *António Carneiro, Sousa Pinto, Luciano Freire, Constantino Fernandes, Sousa Lopes* (pintor e agua-fortista da Guerra), e outros.

ESCULTORES: *José de Almeida* (émulo de Giústi); *Felix Vicente*; *António Ferreira* (barrista); *Machado de Castro; Soares dos Reis; Teixeira Lopes; Fernando Santos; Bordalo Pinheiro* (barrista); *Costa Mota; Moreira Rato; Ernesto do Canto,* e outros. Grande lavrante de ourivesaria — *Gil Vicente.* Os nossos artistas de ourivesaria e prataria ainda hoje assombram o mundo pelo finissimo lavor dos rendilhados.

MÚSICOS: *Garcia de Resende* (compositor e poeta); *Duarte Lobo* (o mais genial polifonista compositor); *Marcos Portugal* (de altissimo va-

nós te honraremos, Portugal, sempre à porfia,
pondo no peito, lado a lado, em harmonia,

o lírio cândido da nossa tradição
e um cravo rúbido, que é fôrça, é vida, é pão,

---

lor) ; *Augusto Machado ; Alfredo Keil* (o grande autor da "Serrana", "D. Branca", etc.,) ; *Lambertini ; David de Sousa ; Artur Napoleão ; Viana da Mota ; Rey Colaço ; João Arroio* (o grande autor dos "Poemas sinfónicos") ; *Freitas Branco ; Ruy Coelho ; Oscar da Silva ; Luis Costa ; Fernandes Fão ; Tomás de Lima ; Cláudio Carneiro ; Ivo Cruz ; Lima Fragoso ; Raimundo de Macedo,* e outros.

SCIENTISTAS : *Pedro Nunes* (inventor do *nónio* e não *Vernier,* como dizem os franceses) ; *Alvaro da Fonseca e Guilherme de Gouveia* (o moço) rei-

um cravo rúbido de aspérrimo trabalho,
que enflora a sciência e a gleba e faz vibrar o malho;

nós te honraremos, Portugal, mantendo "a fé,
que move os montes", para altivos ir até

ao céu, bem alto, onde, em fortíssimos acenos,
em vérgas de galeões, os pilotos morenos

palpitavam outrora ao encanto floral
de um nome a dar a volta ao mundo: — Portugal! . .

---

tores da Universidade de Paris (então, Universidade do mundo); *Diogo de Gouveia* (o velho) fundador do Collegio de Santa Barbara em Paris; *André de Gouveia*, mestre de Rabelais e Montaigne, director do Colegio da Guyanna, em Bordéus; *André de Resende* professor em Lovaina; *Francisco Sanches* lente em Tolosa e Montpellier; *Garcia da Orta* (na medicina); *Bartolomeu de Gusmão* (inventor dos aérostatos, e não os irmãos Montgolfier, como dizem os franceses; os brasileiros consideram-no brasileiro, porque nasceu em Santos, quando o Brasil era colónia de Portugal); *Spinoza* (o grande filósofo que nasceu na Holanda, oriundo de pais portugueses); *Carlos Ribeiro* (na Geologia); *Ferraz de Macedo* (na Antropologia); *Manuel Pimentel, Ruy Faleiro, Vaz Dourado* e outros (na Cosmografia); *Brotero* (na Botânica); *Ferreira da Silva* (na Química); *Gomes Teixeira* (na Matemática); *Aires de Ornelas*, o mais extraordinario repentista-calculista do mundo actual); *Padre Himalaia* (autor do *Pirelióforo* e da *himalaite*); *Sousa Monteiro* (na Medicina); *João das Regras, Lobão, Visconde de Seabra*, (na jurisprudência); *Egas Munis* (de fama mundial, na medicina, descobridor do processo de localizar os tumores cerebrais), e outros.

"Leão-do-mar", Portugal,
meu *canteiro* sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma *audácia* que vai bem...;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
para sempre, sempre; amen!...

Directoria do "Clube Português"

de 1927 a 1929:

Antonino Sampaio (Presidente).

Julio Costa (Vice-Presidente).

João Baptista d'Almeida (1.º secretário).

Augusto Correge (2.º secretário).

A. d'Almeida d'Eça (bibliotecário).

João Vaz Fontoura (1.º tesoureiro).

Julio Ferreira de Mesquita (2.º tesoureiro).

Opiniões sôbre o poema

"ORAÇÃO A PORTUGAL"

Do ilustre escritor português João Grave:

"Este livro é, na realidade, uma obra prima pela sua sinceridade, pelo seu sentimento patriotico, que comunica alma a cada verso, pela beleza do seu puro lirismo. O seu autor é, sem duvida, um português — tanto pelo alto civismo como pelo subjectivismo e pela emoção e pela subtileza artistica. Os meus entusiásticos parabens".

(de uma carta ao autor)

Do *"Diário de Noticias"*:

"Fremente de amor patriotico, Marques da Cruz compôs um autêntico poema lirico ao nosso Portugal, cantando-lhe todas as belezas e virtudes, vincando os feitos heroicos dos nossos antepassados, fazendo reviver os nomes, por todos os titulos ilustres, dos nossos maiores. E' um livro que deve ser lido por todos os portugueses e adoptado nas escolas".

Do *"Comércio do Porto"*:

O distinto publicista e talentoso poeta Marques da Cruz, que marcou na vida literária portuguesa, quando estudante, com o seu suavíssimo "Lis e Lena", acaba de lançar o poema heroico "Oração a Portugal", versos cheios de beleza e de comovido patriotismo, onde crepita e reluz uma alta flama de ternura.

E' um poeta brilhante e inspirado, que tem imagens ardentes, atintadas de originalidade, que são como um grito galvanizador de amor lusíada. Este livro deve ser adoptado em todas as escolas".

D'*"As Novidades"*:

O consagrado poeta do "Lis e Lena", e da "Agua da Fonte", acaba de nos brindar com mais uma formosa composição dedicada ás crianças das escolas de Portugal. Inspirando-se nos feitos da nossa história, procura erguer o espírito dos portugueses de hoje, incutindo-lhes o amor á terra. Consegue-o em versos cheios de rítmo, umas vezes épicos, outras, simples e cantantes como a agua das fontes.

D'*"A Gazeta de Coimbra"*:

Marques da Cruz foi um estudante poeta, que por aqui passou, por esta cidade da lenda, enamorado de sua paisagem, fazendo lindos versos que as *tricanas* e os estudantes boémios cantavam em noites divinas de luar. Era uma das mais incisivas figuras de poeta do seu tempo. Desde o seu "Lis e Lena", dulcíssimo, até esta portentosa "Oração a Portugal", que extraordinario poder de emoção o poeta nos soube revelar! Os seus versos, vibrando de ternura e patriotismo, são harmoniosos, plásticos, cheios de grandeza e sonoridade. Neste poema ha rajadas de patriotismo, que fazem vibrar a nossa alma de portu-

gueses. Belo livro, livro saudavel, livro cheio de fé, cântico sagrado, hino grandioso de amor por este país que o poeta anda a embalar no seu coração de meridional. Este livro devia ser lido em todas as escolas portuguesas.

Do Exmo. Revmo. Sr. D. Manuel, bispo-conde de Coimbra:

"Que Nosso Senhor conceda a V. Exa. muita saude para continuar a honrar, como nesta belíssima "Oração a Portugal", o nome português".

(De uma carta ao autor).

Da Reitoria do Seminario de Serpa:

"Póde chamar-se á preciosa "Oração a Portugal" os *"Lusiadas resumidos"*.

(de uma carta ao autor).

OPINIÕES DA IMPRENSA DE LISBOA, PORTO E COIMBRA SOBRE "LIS E LENA"

Do "O Porto: LIS E LENA, versos por *Marques da Cruz*. — Coimbra, 1911.

Num elegante volume, editado pela livraria França Amado, acaba o sr. Marques da Cruz, moço poeta da geração coimbrã, de publicar uma pequena coleção de poesias, subordinadas ao título "Lis e Lena".

São formosos os versos que o novel poeta nos oferece, cheios de rítmo e suavidade, onde se sente o vibrar de uma alma excelentemente portuguesa, docemente emotiva e sã e onde perpassa o sôpro divino da verdadeira poesia.

E', se não estamos em êrro, o primeiro livro do autor, mas nele sem dúvida há a afirmação dum belo talento de que muito há a esperar.

Amando muito a sua terra de lenda e sonho, o moço poeta afina a lira para cantar enternecidamente, nobremente, pelo que nos é dado saudá-lo.

Melhor do que as nossas desataviadas palavras de prosador obscuro, dirá, sem dúvida, o soneto que abre o livro e que parece justificar-lhe o título.

Ei-lo:

LENDA DO LIS E LENA

"Nasceu o rio Lis junto a uma serra
No mesmo dia em que nasceu o Lena;
Mas com muita paixão, com muita pena
De o seu berço não ser na mesma terra.

Andando, andando alegres, murmurantes
Na mesma direcção ambos corriam;
Neles bebendo as aves chilreantes
Contavam esse amor que ambos sentiam

Um dia já espigados, já crescidos
Contrataram casar, de amor perdidos,
Num domingo, em Leiria, de mansinho...

Mas Lena, assim a modo envergonhada
Do povo, foi casar tôda enfeitada
Com o Lis mais abaixo um bocadinho..."

Do "Século" : LIS E LENA, versos, por *Marques da Cruz.*

E' um poeta novo que surge o sr. Marques da Cruz. E surge em Coimbra, onde tantos poetas teem aparecido, tímidos e hesitantes, para mais tarde virem a transformar-se em glórias imorredoiras das letras do seu país. *Lis e Lena* é o nome do pequenino volume com que o sr Marques da Cruz se estreia, e, se nos versos que o constituem há muita ingenuidade e muita simplicidade, também há o sentimento preciso para se ficar sabendo que só um poeta autêntico os podia escrever. Se se juntar a isso o caráter regionalista das produções poéticas do sr. Marques da Cruz, ter-se há um dos livros mais simpáticos que nos últimos tempos se teem publicado em Portugal. Maior elogio, do que êste não deve por ora, ambicioná-lo o autor de *Lis e Lena*, cuja edição da casa França Amado e primorosa.

Da "Luta" : LIS E LENA, por *J. Marques da Cruz.*

São, ao que nos consta, os primeiros passos de um poeta. Ingénuos, confiados, desprendidos. Mas grande coração para as alegrias, alma sempre grande para as tristezas, o poeta soube traduzir nos seus versos o que sente quem verseja com verdadeiro sentimento. Deve ser lido, porque êste pequenino livro encerra verdadeira poesia e o espírito deum poeta que daqui a anos, com trabalho e amor, nos pode dar livros interessantes, verdadeiras obras de arte.

Do "Diário de Notícias" :

Temos agora a cumprimentar um novo poeta, que pela beleza do pequeno prologo com que abre o seu livro desde logo nos demonstra ser um distinto prosador. E' o sr. Marques da Cruz que nos envia um pequeno volume *Lis e Lena*, editado pela casa França Amado, de Coimbra. Amando a poética terra de Portugal, admirando a emotividade da alma dos da nossa raça, celebrando o carinho e a ternura com que êle sabe compreender e interpretar a linguagem das coisas e da natureza, o sr Marques da Cruz deseja sobretudo ser um poeta regionalista e dar forma a muitas das aspirações e sentimentos íntimos do povo da província em que nasceu. Por vezes consegue-o por completo. Outras porém a sua aspiração não é de todo realizada, e a forma nega-se a reproduzir inteiramente as leves emoções que o poeta desejaria que ela traduzisse. Não é portanto ainda um artista perfeito e a que a crítica só tenha de dirigir aplausos e louvores. Mas possui incontestàvelmente qualidades das mais apreciadas num poeta : inspiração, graça e sentimento assim cremos bem que não faremos uma previsão arriscada, profetizando que num futuro próximo nos dará uma obra em que os méritos actuais se afirmem, com a mesma intensidade em que a forma lhe adquira a firmeza, a precisão e o rigor, que por ora às vezes lhe falharam.

Para que os leitores desta crónica possam ajuizar das belas qualidades de poeta do sr. Marques da Cruz, vejam a seguinte *Carta de Aldeia :*

Minha querida Maria
Desejo saber
Se passas por aí bem mai-los teus,
que a minha, ao fazer desta fantasia,
vae indo menos mal, graças a Deus

Tenho tanta soidade que não sei
o modo e o jeito
de contar-te a amosidade,
esta paixão
que eu trago no meu peito,
desde que falei
contigo da raiz aqui do coração.

Lembras-te ? ! Foi naquela romaria
à Senhora da Agonia
cheia de cordões d'oiro e rosas e alecrim . . .
Que palavras tão doces que tu tinhas !
Ai adeus ! ahi vão mil soidades que as minhas
para contigo só à vista terão fim . . .

Muitas mais composições poderíamos transcrever para demonstrar como são realmente distintos os méritos do sr. Marques da Cruz, e a sensibilidade com que êle sabe interpretar a poesia da natureza e das almas simples. *A canção da Nóra, A um salgueiro, Gaze de linho, Visão duma mãe*, etc., seriam com prazer subscritos pelos artistas mais delicados e mais ciosos do seu nome literário. O *Lis e Lena* é pois um volume cujas belezas provocam os louvores das almas delicadas e será decerto o prólogo de trabalho de maior fôlego e envergadura, onde os méritos do poeta já afinados e depurados pelo estudo, se ostentarão por completo. "

Do "Primeiro de Janeiro": LIS E LENA.

A estreia dum poeta

Esta Coimbra da balada e dos salgueirais já não tem o encanto perfumado de antigamente. Até mesmo a recordação é imprecisa e confusa quando galopa para essa época longínqua do sonho e da Boêmia.

Tém morrido as tradições e as Tricanas . . . Na velha tôrre a "cabra" deixou de tocar e vão emudecendo as serenatas por essas calçadas fora . . .

Dentro da nossa alma triste, como desperta saudades o Passado! Quando as guitarradas gemiam pelas vielas escuras, emquanto as capas estremeciam ao vento e as tricaninhas de riso vermelho surgiam à janela. Havia sardinhas fritas no tasco das Camelas — que morreram virgens sob trinta gerações de estúrdios . . . A Academia era de alma aventurosa para o Amor e de músculos sólidos para o Futrica. E lá do Alto, dentre as estrélas de oiro, a Minerva abençoava os estudantes de rosto pálido e de cabeleiras compridas.

Essa encantada Coimbra da lenda — que fazia sonhar as raparigas com os seus doutores vestidos de negro e as suas guitarras cobertas de luar — tornou-se melancólica e sombria, como flôr abandonada dentro duma jarra partida.

Mas, evocando êsse Passado morto, a Poesia ficou na alma dalguns privilegiados, como rosa franzina a desabrochar na escarpa duma geleira. Os poetas, corações torturados, fazem reviver a velha tradição sentimental, chorando e cantando — porque a Estrofe não é mais que a lágrima ou o riso das suas fantasias delicadas.

Assim o "Lis e Lena", onde Marques da Cruz deixa um pedacinho da sua vida, em versos duma graça carinhosa e duma cadência original e cantante. A estrofe brota límpidamente da sua alma dolorida, como o luar claro dum firmamento dourado e triste.

Canta a sua terra, cheia de amor e de sensibilidade. Nos "Carros da minha aldeia" há uma tela rústica, vibrante de colorido e de delicadeza. A gente fica-se a scismar sôbre a paisagem verde, entre as árvores e os passaritos, emquanto os bois lacrimosos passam nos caminhos, arrastando lentamente as carradas enormes:

Carros chiando,
Desabafando
Sua paixão . . .
Povo chorando,
Andando, andando
C'os tristes carros numa oração.

A vida campesina apaixonou o Poeta. E nos seus versos êle faz reviver enternecidamente a velha aldeia, com as suas lendas e romarias, as suas "Camponesas" garridas e os seus cavadores ingénuos. Então nós revemos as casitas brancas, onde o lume crepita sôbre a lareira antiga. A Maria das "Rezas à noite" donairosa e travessa, pede pelo seu amor e pelo namorado, emquanto o pai vai desfiando o terço e os irmãozinhos dizem a Santa Maria — que rogue pelos pecadores. Lá fora vai passando o mendigo das "Sinas", que tanto casamento tem profetizado às moças do lugar. Ao longe caem as badaladas dos "Sinos tristes", gemebundas e mansas fazendo persignar as velhinhas, porque "está para morrer um moribundo". O vento sopra, com emanações brandas, dizendo as queixas do "Pinheiral" — "todo vestido de verde, cheio de fendas e de pucarinhos de côr", onde os espinheiros choram, em lágrimas de resina, a sua incompreendida mágoa. E as "Borboletas" entram pela janela aberta, pequeninas sacerdotisas do mistério, trazendo as suas asas trémulas carregadinhas de esperanças ou de desengano.

Tôda a poesia de Marques da Cruz é duma emotividade ingémua e carinhosa. Regionalista entusiasta e sonhador, canta apaixonadamente a sua terra com a graça pagã e a ligeireza fina dum bucólico antigo.

E a nossa fantasia evoca sentidamente aquela paisagem, cheia de sol e de campinas brandas, onde os rios — segundo a "Lenda do Lis e Lena" — "contrataram casar". Devia ser em Leiria, num domingo à tarde e talvez na primavera. Mas Lena envergonhou-se, como noivazita franzina e tímida, e foi então casar, tôda enfeitada de rosas num lugar "mais a baixo um bocadinho". Ouve-se por tôda a parte a "Canção da nora", continuadamente a girar, sempre soluçante e amargurada. E a gente sofre aquela tortura imensa da Nóra, beijando o rio onde ela quereria afogar as suas "penas" e donde as suas "penas" emergem.

A natureza fala misteriosamente ao Poeta, contando o sofrimento incompreendido das Coisas. Assim êle vem a compreender a "Paixão duma nóra", que é uma das composições mais intensamente delicadas do livro de Marques da Cruz. Quase apodrecida e decrépita, a Nóra desanda um bocadinho e fica-se parada a scismar. Na hora ressequida os milhos "erguem os olhitos", pedindo água. Mas ela não pode mais, porque traz "a modos uma pontada dum lado que é doente". E a Nóra pensa . . . "lembra-se dos milhos e do regador e de tudo isto que é a Vida — e põe-se a desandar" :

Gemendo e desandando
O' triste nóra
Cheia de mágoa,
Tirando água
Para regar . . .

o o o

Vimos brotar quase todos os versos de Marques da Cruz, como planta mimosa e perfumada, sob o nosso olhar estasiado. Durante tardes inteiras conversamos de artistas e literatura, escutando as suas poesias novas, ainda tôdas frementes de comoção e frescura que traziam da Fantasia. Em frente, a padeirinha do soneto "No meu quarto" trabalhando melancólicamente à janela, de olhos tristes sôbre a renda branca — cantava, "em trinos chorosos" a sua paixão suave. A's vezes chegavam até nós lamentações de "Fados" que guitarras dolorosas iam chorando pelas calçadas da Alta. Isto bastava para queMarques da Cruz ficasse a meditar, pensando "no luto do estudante e no do fado".

A própria doença era para êle um pretexto de fazer versos. Assim o anno passado, emquanto uma enfermidade o impedira de acompanhar a Paris o Orfeon, êle arquitectava em lavores subtis, aquelas magníficas estrofes da "Gaze de linho" :

O' gaze branca,
Alminha núa,
De janelinha sempre aberta,
Sorrindo franca
De par em par ! . . .

Na engomadeira da rua dos Militares êle conheceu aquela Mariquinhas pálida, de "cílios negros e de tranças negras", que lhe inspirou a balada dos "Olhos azuis duma tricana". E, num punhado de versos de oiro, êle faz reviver, nessa rapariguinha de face resignada e de busto franzino, as legendárias Tricanas do sonho e da beleza, para sempre mortas com as gerações antigas dos boémios :

Olhos azuis,
Que olhar o teu
Que palidez !
A olhar, a olhar lânguidamente,
Sem ter um fim . . .

Marques da Cruz é um novo, cheio de entusiasmo e de talento. Como êle diz nas "Pênas", fechando desalentadamente o seu livro, "a Vida é uma lágrima infinita" e êle "queria vêr os homens e as coisas, a beber na mesma taça os prantos e a alegria, cheios da santa graça franciscana . . ."

Coração de poeta, Marques da Cruz canta a dôr humana e os segredos místicos das Coisas. Segundo êle escreve no soneto "Fados", a sua lira é como a guitarra martirizada, "contando as amarguras e a desgraça" — emquanto a serenata vai passando, sob o luar claro, nesta bemdita rua do Fôrno tão pequenina e tão solitária, onde morou a Fusea e o Eça de Queirós . . .

DO ILUSTRE POETA PORTUGUES AFONSO LOPES VIEIRA, NUMA CARTA AO AUTOR:

Meu caro camarada:

Não há dúvida para mim que "Lis e Lena" é o livro de um verdadeiro poeta, de um nôvo cavaleiro de São Graal, que nós, seus pares mais antigos, devemos receber com palmas sinceras. O seu livro tem páginas encantadoras e revela todo êle uma alma lírica muito sensível e portuguesa. A *Carta da Aldeia* é uma coisa lindíssima, uma cousa nova. Felicito-o, pois, com alegria e alegro-me ao ver que a nossa região conta mais uma alma rara. De coração agradecido pelo livro e pelas palavras com que mo enviou. Camarada, amigo e admirador, — *Afonso Lopes Vieira.*

SOBRE O LIVRO: "AGUA DA FONTE"

De Alberto de Oliveira, príncipe dos poetas brasileiros:

Rio, 23 de Agosto de 1924.

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Marques da Cruz.

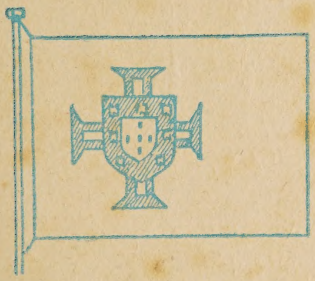
Os que em sua sêde do Belo houverem de beber dessa "A'gua da Fonte", acredito reconhecerão que ela provém da Castália ou da Hipocrene. E só com êste conceito dou a impressão que me deixaram seus versos. Aqueles d'"A Renúncia", que começam pelos dois belissímos e expressivos alexandrinos

"Estrugem os clarins no fragor da batalha,
rincham corceis, troam canhões, ruge a metralha",

já os conhecia. Li-os aí em São Paulo, na "Revista de Filologia".

Cumprimenta-o com muita simpatia o seu

Admor. e Cro.
Alberto de Oliveira.

Do "Primeiro de Janeiro" (Jornal do Porto):

"Estes versos, que de tão longe nos chegam, conservam uma frescura, um perfume da terra patria, que tão saudosamente perpassa em tantas das suas composições. Que formosos versos não são êstes da "Infância", que lembram, pela suavidade, pelo lirismo, alguns dos nossos mais altos poetas!"